

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMERCIO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

MERCADO SOCIAL DE EMPREGO

Nuno Serra

A pandemia de COVID-19 veio expor as fragilidades que resultam de uma aposta excessiva no setor do turismo, assumido nos últimos anos como um dos principais “motores” de desenvolvimento do país. Um peso excessivo que, mesmo antes da crise pandémica, colocava já importantes questões ao nível do emprego (nomeadamente a precariedade e baixos salários), da habitação (com o aumento vertiginoso dos preços, processos de gentrificação e expulsão de residentes para as periferias das grandes cidades, com destaque para Lisboa e Porto) e em diversas atividades dissociadas da dinâmica do turismo (que passaram igualmente a ter dificuldades para se localizar em espaços urbanos de maiores dimensões).

Ora, mesmo as perspetivas mais otimistas de recuperação generalizada da atividade económica, uma vez passado o surto pandémico, deparam-se com a circunstância de não ser expectável que o turismo (viagens, alojamento e restauração) possa recuperar ao mesmo ritmo que os restantes setores. Aliás, é bastante improvável que se regresse – pelo menos nos anos mais próximos – aos níveis de procura turística, sobretudo estrangeira, registados antes da crise. O que limita, evidentemente, a capacidade de reabsorção de muito do emprego agora perdido.

A aposta recente no turismo, apesar de todos os efeitos desestabilizadores que se registaram em diversos domínios, constituiu um dos principais fatores da recuperação do emprego nos últimos anos, que inverteu os resultados,

neste âmbito, das políticas de austeridade seguidas entre 2011 e 2015. De facto, o setor gerou oportunidades de trabalho para um número significativo de inativos e desempregados (nomeadamente desempregados de longa duração), cujo perfil, em termos etários e de qualificações, tornava difícil o seu reingresso no mercado de emprego.

Hoje, face ao impacto da pandemia no setor do turismo, que se prevê possa ser prolongado (ou pelo menos bastante mais prolongado que noutros setores), a absorção deste contingente de mão de obra poderia, pelo menos em parte, ser conseguida com o investimento público num conjunto de serviços em que Portugal tem um défice estrutural profundo: as respostas ao envelhecimento demográfico e à crescente procura de cuidados, numa lógica de proximidade e de diversificação de modalidades de apoio (unidades residenciais e de saúde, apoio domiciliário, intervenção comunitária, etc.).

Trata-se, de facto, de um conjunto de áreas que requerem contingentes muito significativos de mão de obra, com grande diversidade de perfis e exigências muito variadas em termos de qualificações. Razão pela qual, aliás, a aposta nestes domínios em termos de emprego se traduz não só num contributo importante para minorar o défice de serviços atualmente existente, mas também numa oportunidade de formação e capacitação de ativos com baixas qualificações.